



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Diversidades e políticas da fotografia: um relato de experiência do projeto Visus Decoloniais ¹

Fernanda Alcantara Duarte ²
Yasmim Martins Belo Cavalcanti³
Maria Eduarda Rocha⁴
Fernando Gonçalves⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de pesquisa do projeto Visus Decoloniais, que busca mapear produções fotográficas de jovens artistas que discutem questões raciais, de gênero, de ancestralidade e território no Estado do Rio de Janeiro. A partir de dados obtidos por meio de formulários de auto-apresentação e das próprias imagens, são discutidas, com base em autores do pensamento decolonial, as estratégias presentes nas narrativas visuais produzidas por esses fotógrafos e o papel que desempenham na imaginação e nas representações visuais das identidades, do cotidiano e da memória no contexto do que poderíamos chamar de uma fotografia “situada”, baseada na experiência do corpo e do território.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia contemporânea; decolonialidade; diversidade; mapeamento; Rio de Janeiro.

Introdução

Nos campos da comunicação e da arte, as práticas e pesquisas envolvendo a fotografia vêm contribuindo para discutir o papel das imagens nos processos de recodificação visual de corpos racializados e dissidentes de gênero, de territórios, memórias e saberes populares, afro-diaspóricos e indígenas nos circuitos da arte e na cultura visual contemporânea (SALES, 2021).

¹Trabalho apresentado no GT1 - Fotografia Documental.

² Estudante de Graduação, 7º período do curso de Relações Públicas, e-mail: fernandaalcantaraduarte@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, 4º período do curso de Jornalismo, e-mail: yasmartins.cavalcanti@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação, 1º período do curso de Relações Públicas, e-mail: eduardarocha.uerj@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Relações Públicas e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ, e-mail: goncalvesfernandon@gmail.com



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Essas discussões não são novas, mas vêm alcançando grande visibilidade na atualidade. Não é por acaso, portanto, que fotógrafes e artistas visuais com longa trajetória, como Walter Firmo, Rosana Paulino, Ayron Heráclito e mesmo jovens artistas como Gê Viana, Hal Wildson, Uyra Sodoma, venham obtendo grande espaço nos cenários artísticos nacional e internacional. Por outro lado, observamos também que há um número muito expressivo de jovens fotógrafes em todo o país que vêm criando suas próprias narrativas e representações de si, do Outro e sobre os espaços em que vivem e que são pouco conhecidas. Como um recorte de observação da produção desses jovens fotógrafes, nosso foco de atenção aqui recairá sobre aqueles atuantes no Estado do Rio de Janeiro, através da pesquisa “Mapeamento da produção de fotógrafes contemporâneos do Estado do Rio de Janeiro sobre temáticas de raça, gênero, sexualidade e ancestralidade”⁶, que conta com apoio da Faperj.

O projeto teve início efetivo em outubro de 2022 na UERJ e logo ganhou o nome mais curto e carinhoso de Visus decoloniais. Seu objetivo é visa mapear e analisar práticas de jovens fotógrafes e/ou coletivos que atuem em pelo menos uma das áreas temáticas da pesquisa, podendo ou não ter reconhecimento na mídia, na academia e no circuito da arte, mas que tenham uma trajetória consistente e contribuições reconhecidas por seus pares e em seus espaços de inserção individual e coletiva.

Com base no mapeamento e na análise dessas produções e considerando que as imagens funcionam como mecanismos de produção e regulação de nossos imaginários sociais da alteridade (MIRZOEFF, 2011; HALL, 2016; LEON, 2019), buscamos investigar os usos feitos da fotografia no contexto dessas produções, suas estratégias visuais e expressivas e as formas de abordagem dos temas como problemática de representação na fotografia. Finalmente, a pesquisa tem como terceiro objetivo dar visibilidade a esses fotógrafes através de um perfil no Instagram e de um site, além de eventos presenciais como rodas de conversa, seminários, oficinas e exposições.

⁶ O projeto tem duração de dois anos e é coordenado pelo Prof. Fernando Gonçalves. Faz parte de uma pesquisa mais ampla conduzida pelo mesmo no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, com apoio do CNPq, intitulada Fotografia contemporânea e as políticas da alteridade na perspectiva descolonial.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



O presente trabalho consiste em um relato da experiência do projeto, que conta atualmente com a participação de duas estudantes de Relações Públicas e uma estudante de Jornalismo, vinculadas ao Programa de Iniciação Científica da UERJ e com a parceria do Laboratório de Fotografia da Faculdade de Comunicação Social e do PPGCOM-UERJ. O paper traz análises quantitativas e qualitativas dos resultados parciais do mapeamento e discute os tipos de produção mapeados e seu caráter crítico e autorreflexivo. Inspirados na noção de “conhecimento localizado” de Donna Haraway (2016), reivindicamos para essas imagens o caráter de uma fotografia “situada”, ou seja, que emerge diretamente das experiências do corpo e de sua inserção nos espaços em que são produzidas, constituindo um saber localizado comprometido com a diversidade e o direito à cidade.

Visus decoloniais

Apesar de muitos jovens fotógrafos atuarem hoje produzindo e disseminando narrativas e representações de si e do Outro que questionam estereótipos e padrões estéticos dominantes em nossa cultura visual, muito pouco sabemos sobre eles. Igualmente, não temos uma dimensão muito clara das características dessas produções, dos tipos de investigação que realizam nem das formas de circulação dessas imagens. Daí o interesse em mapear e analisar, dentro de um recorte geográfico preciso, práticas de jovens fotógrafos e/ou coletivos fluminenses que discutem questões ligadas às identidades, aos territórios, à memória e saberes tradicionais dentro de uma perspectiva descolonial e anti-colonial, no contexto dos atuais questionamentos, críticas e lutas antirracistas, antissexistas, anti-epistemicidas e anti-capitalistas.

Metodologicamente, o mapeamento é feito através de uma busca ativa no Instagram e/ou em perfis de projetos parceiros, como o Projeto Olhos Negros (UFRN) e o Centro de Estudo e Produção de Imagens Documentais do Laboratório de Fotografia da UERJ. Ao serem localizadas, todas são convidadas a preencher um formulário do Google para coleta de dados de perfil, atuação, localização e produção de imagens, em acordo com os objetivos da pesquisa.



VI GRÃO Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Além desses dados, es fotógrafes são também convidades a apresentar sua visão sobre suas produções e a enviar uma foto pessoal e até 9 imagens para compor seu perfil individual na página do projeto no Instagram (@visusdecolonaisrj) (FIG. 1) e no site do projeto (www.visusdecoloniais.com.br).

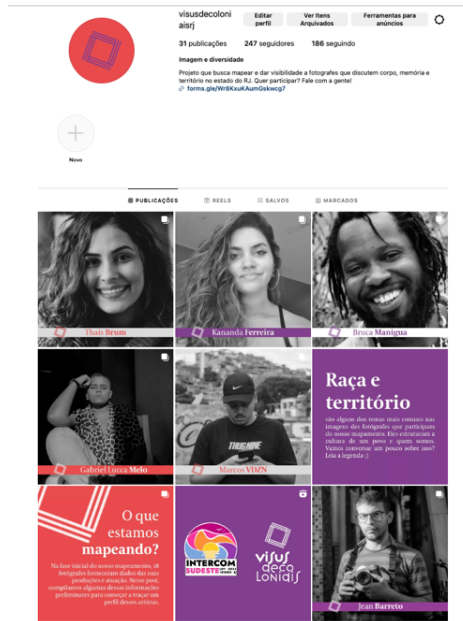


Fig. 1 – Perfil do projeto no Instagram @visusdecolonaisrj

Enquanto o Instagram funciona como uma forma dinâmica de dar visibilidade aos fotógrafes e divulgar as ações do projeto, o site (FIG. 2), ainda com partes em construção, permite apresentar uma diversidade maior de conteúdos, como os resultados parciais das análises, participações em eventos e artigos que têm relação com a pesquisa e publicações resultantes do projeto.

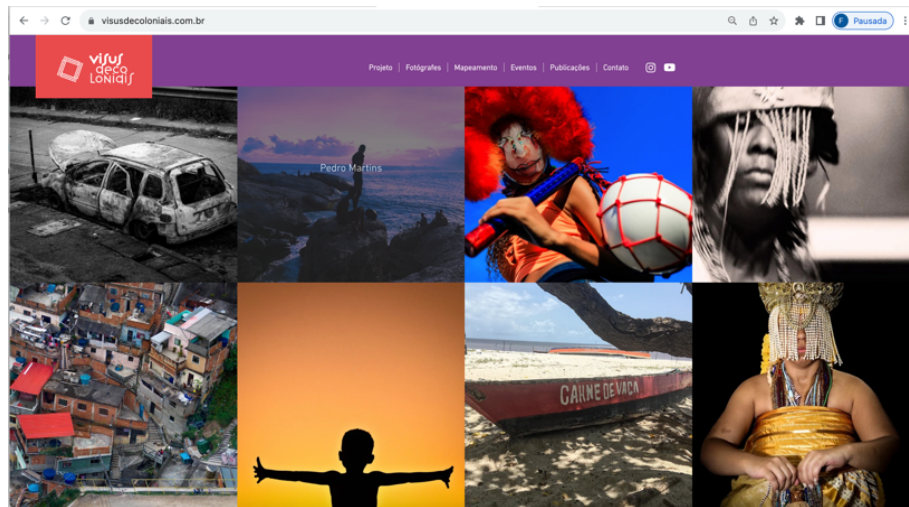


FIG. 2 – Site www.visusdecoloniais.com.br

Um canal do Youtube também foi criado para registro de ações presenciais, como rodas de conversa, seminários, oficinas de foto-livros e exposições, previstas para ocorrer no segundo ano do projeto (segundo semestre de 2023 e primeiro semestre de 2024).

Encontros como o “Fotografia e outras centralidades” (FIG. 3), organizados pelo Laboratório de Fotografia da UERJ, vêm permitindo uma discussão sobre o papel das produções fotográficas no âmbito da chamada fotografia popular (BARRETO, 2020; TAMBKE, 2023) e no das críticas decoloniais no contexto dos estudos visuais (LEON, 2019).



FIG. 3 - Roda de conversa “Fotografia e outras centralidades”
LabFoto/FCS, 30/01/2023.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



No primeiro desses encontros, em janeiro de 2023, observamos a presença de alguns dos fotógrafes que fazem parte da nossa pesquisa. Foi quando percebemos que esses encontros funcionam não só como espaço de troca de saberes com a universidade mas também como forma de fortalecimento das redes já existentes entre elus. Nos demos conta, por exemplo, que muitas já se conheciam do Instagram ou por terem sido formadas pela Escola de Fotografia Popular da Maré, importante centro de formação na favela da Maré, no Rio de Janeiro, que há 17 anos é a porta de entrada para muitos jovens na fotografia e na chamada comunicação popular.

Neste contexto, o nome “Fotografia e outras centralidades” dado a esse espaço reflete a importância que essa fotografia tem para esses jovens, muitas das quais passaram a ter na fotografia uma profissão. Mas essas “outras centralidades” nos parecem importantes também para pensar e afirmar os processos de construção de outros imaginários sobre a favela, sobre os corpos racializados, as culturas e modos de vida locais, que normalmente são estigmatizados por aquilo que Patricia Collins (2002) chamou de “Imagens de controle”: representações visuais que historicamente definiram e fixaram o corpo negro, particularmente o feminino, em posição de subalternidade. Para Collins, disseminadas sistematicamente de diferentes formas e em distintos espaços ao longo de nossa história e na cultura visual, as imagens de controle funcionam como elementos operacionais indispensáveis às lógicas de dominação e essenciais para o exercício da violência física e simbólica a diferentes corpos e modos de vida.

Portanto, esse lugar de centralidade é fundamental para entendermos muitas das imagens dos fotógrafes que participam de nossa pesquisa. Nossas análises vêm permitindo perceber o quanto essas produções funcionam como gestos de apropriação e de reposicionamento de signos e códigos visuais e de lógicas de representação que podem, ao mesmo tempo, serem vistos como parte de uma estratégia de resistência e de revisão histórica que questiona os imaginários colonizados pelos ideais modernos-universais da branquitude e também como uma manifestação do que podemos chamar de políticas da



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



alteridade na fotografia⁷, diretamente relacionadas com os processos de descolonização do olhar e de nossa cultura visual.

Na pesquisa, os dados quantitativos nos ajudam a dimensionar e a caracterizar o perfil dos fotógrafes e o de suas produções. Para complementar esses dados, fazemos também uma análise qualitativa, uma vez que uma das principais contribuições do projeto é analisar as funções, as narrativas e as mediações visuais que as imagens realizam na vida social, relativamente às temáticas abordadas.

Para essas análises nos apoiamos em autores como Stuart Hall (2016), Nicholas Mirzoeff (2011), Ariella Azoulay (2015) e Christian Leon (2019), que discutem, por um lado, o papel que a fotografia têm tido historicamente no ordenamento de nossas percepções e imaginações do Outro, criando padrões de controle que legitimam desigualdades, exclusões e violências. Mas, esses e outros autores observam também a capacidade que as próprias imagens têm de promover rupturas com essas formas de representação e de dominação. Esses pensadores abrem atualmente novos caminhos para pensarmos as relações entre visualidade, poder e conhecimento no contexto de nosso legado colonial e para realizar uma crítica ao universalismo que estaria oculto sob a denominação de “cultura visual”, que nos impediria de pensar as questões de classe, gênero, raça nela contidos, mas que ficam muitas vezes invisibilizados.

Resultados parciais e análises

Do ponto quantitativo, a pesquisa mapeou até o momento da escrita deste texto 91 fotógrafes e 10 coletivos. Partindo da mostra de 31 fotógrafes que até o momento enviaram o formulário de auto-preenchimento do Google, temos que 66,7% têm entre 25 e 31 anos; 55,6% são homens cis; 41,9% iniciaram suas

⁷ O termo é utilizado no contexto da pesquisa do orientador para designar gestos de confronto com o real e com as representações e também como gestos que desenham futuros desejados e disposições para recusar, desconstruir e ressignificar imaginários, discursos e práticas de violência e de opressão e o silenciamento de modos de vida e visões de mundo que não cabem nos modelos materiais, simbólicos e epistêmicos da modernidade e do capitalismo neoliberal.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



produções a partir de 2019, embora um número considerável (25,8%) tenha iniciado antes de 2015.

Já a distribuição dos fotógrafos pelo estado do Rio demonstra uma grande concentração na capital (54,8%) e na região metropolitana (22,6%), sendo que 19,4% atuam em mais de uma região. Do ponto de vista da produção das imagens, 83,9% têm a fotografia como mídia principal, embora as combine com outras mídias e linguagens (vídeo, instalação e performance – 16,1%); 80% trabalham principalmente com o digital e 8,6% com o analógico. As principais temáticas abordadas são territorialidade (83,9%), raça (71%), memória e ancestralidade (74,2%), gênero e sexualidade (45,1%). Registros documentais são a principal forma de abordar os temas para 87,1%, seguidos de combinações entre mídias e linguagens (35,5%), usos de imagens de arquivo (22,6%) e registros de performances (16,1%); 29% consideram seus trabalhos como experimentais, pelo uso da fotomontagem digital, de filtros e outras interferências sobre a fotografia. O Instagram é a principal plataforma de difusão das imagens para 96,8%, seguido do Tik Tok para 9,7% e do Youtube para 9,7%.

Com base nesses dados, é possível dimensionar parcialmente o perfil dos fotógrafos mapeados e de suas produções. Os dados chamaram nossa atenção para alguns aspectos: 1) que um número razoável, embora numericamente pequeno, de fotógrafos usam meios analógicos para produção de imagens, o que é algo relativamente comum na produção contemporânea com fotografia, por seus aspectos estéticos e visuais, que dão à imagem um caráter mais artesanal e ao mesmo tempo, singular; 2) que há de fato, até o momento, uma concentração desses fotógrafos na região da capital e da região metropolitana, algo que pode ser influenciado, em parte, pela presença de centros formativos como os da Maré; 3) que a linguagem documental é a mais usada pelos fotógrafos, até o momento, o que de certa forma mostra a escolha do registro factual como forma expressiva e de construção de imagem, principalmente em imagens que mostram o cotidiano nas favelas, suas arquiteturas e modos de vida. Entendemos, porém, que tal escolha é coerente com a intenção de muitos fotógrafos em criar contra-narrativas visuais que rompam com aquilo que Stuart Hall (2016) chamou de "regimes racializados de representação", que reforçam



**VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023**



estereótipos racistas e imaginários de perigo, medo e miséria, geralmente associado a esses espaços e a corpos racializados.

Por meio dos registros documentais observados na pesquisa, percebe-se que são criadas outras formas de representação, com base em outros pontos de vista, mais diversos, locais e vivenciados ou “localizados”, como diria Donna Haraway (2009), onde inclusive formas de enquadramento e uso de cores passam a ter um papel importante na construção dessas narrativas sobre identidades, territórios, saberes e modos de vida. Ainda nesse aspecto, chama atenção exatamente a prevalência das temáticas raciais e do território em grande parte das imagens desses fotógrafes, majoritariamente negres e habitantes de favelas, subúrbios e regiões periféricas do Rio. Finalmente, outro aspecto que chamou nossa atenção foi o grande uso de imagens de arquivo, que na fotografia contemporânea é uma estratégia usada para ressignificar representações cristalizadas, reescrever memórias visuais e interferir na cultura visual dominante (AZOULAY, 2015).

Do ponto de vista qualitativo, as formas de abordagem das questões de racialidade, territórios, memória e ancestralidade é consistente com o perfil de parte desses fotógrafes e de sua inserção em movimentos populares, na produção cultural ou em religiões afro-diaspóricas, embora muitas sejam também pesquisadores e artistas que trabalham há tempos com esses temas sem serem necessariamente vinculadas a esses campos. Isso talvez ajude a entender os tipos de representação visual de paisagens, formadas majoritariamente por cenas de rua, de arquiteturas e do cotidiano dos subúrbios e das favelas (FIG 4 e 5).



FIG. 4 @selmasouzaphotos



FIG. 5 – @vishkaay

E também os tipos de retratos, sejam espontâneos ou performados (FIG. 6 e 7), onde olhares, poses, cor da pele, gênero e sexualidade parecem ser signos visuais acionados para construir narrativas de pertencimento e de empoderamento.



FIG. 6 - @afotogracia



FIG. 7 - @pemartins.photo

Essas imagens possuem, segundo os dados do formulário, determinadas funções, definidas pelas fotógrafas como: ampliar horizontes e romper com os perigos das narrativas únicas; construir outros imaginários sobre modos de ser; pensar os modos de vida urbanos; produzir um olhar local sobre o território; servir aos direitos humanos e à cidadania; resgatar a cultura e a memória negras;



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



causar impacto sobre questões sociais, raciais, ancestrais e ambientais; promover o direito à cidade; promover a conexão com a ancestralidade, a religiosidade e o auto-cuidado da comunidade negra; contribuir para a construção da memória coletiva das comunidades populares; e mudar a percepção que se tem das favelas.

É possível supor que alguns dos relatos que definem o que essas imagens representam para esses fotógrafes podem ser influenciadas pela formação que muitos tiveram como comunicadores populares no campo da fotografia, por sua formação acadêmica (alguns têm mestrado e doutorado em artes, comunicação ou ciências sociais) ou por sua participação em grupos religiosos afrodiaspóricos. De toda forma, o que nos parece importante aqui é relacionar esse dado obtido fora do questionário com o fato de que essas produções têm uma relação direta com as vivências e formas de inserção desses fotógrafes nos territórios em que vivem ou atuam. Com base nesse cruzamento de dados, é possível observar o papel fortemente político que a imagem fotográfica tem neste contexto e que, através da construção de registros documentais de lugares e corpos, constroem-se narrativas visuais que podem ser vistas como conhecimentos “localizados” (HARAWAY, 2009), ou seja, saberes que têm relação e comprometimento direto com a experiência de vida dos sujeitos em um determinado tempo e espaço. Falamos construção porque, apesar de maior parte das imagens ter caráter documental, não se trata simplesmente de reproduzir o que se vê, mas de produzir uma certa imaginação com o que é visto (imagens, corpos, lugares e objetos), ou seja, de produzir estratégias de seleção, organização, circulação e visibilidade que cumprem fins específicos, como recusar e desmontar estereótipos e criar novos olhares e narrativas sobre sua própria experiência de cidade, de corpo, de identidade e de cultura.

Observando algumas dessas imagens, vemos que motivos, pontos de vista, enquadramentos e uso das cores são elementos que parecem estar a serviço de narrativas visuais que constroem uma visão bastante complexa desses corpos, cotidianos, lugares, saberes e modos de vida, de maneira a colocar em cena e afirmar determinadas experiências e visões de mundo que compõem aquilo que Mogobe Ramose (2011) chamou de pluriversalidade,



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



diversidade dos seres e modos de vida, onde as particularidades, vivências e seus sentidos são reconhecidas e compartilhados.

É essa pluriversalidade que vem saltando aos nossos olhos até este momento na pesquisa e que nos faz pensar se não estaríamos de fato diante daquilo que Christian Leon (2019) chama de produção de lugares de enunciação que participam de processos de rearticulação das formas de representação visual no contexto das necessárias revisões dos processos coloniais na América Latina.

Considerações finais

Documentos sobre a cidade. Fotografia popular que mostra a favela pelo olhar do morador. Ativismo. Fotojornalismo sensível e como forma de arte. Contribuição para a memória coletiva das comunidades populares. Resgate de ancestralidade como forma de autocuidado e autoestima das pessoas pretas. Fotografia como agente transformador do olhar e como forma de romper com o perigo da “história única”. Acervo contra-colonial do associativismo negro e da potência do coletivo. Documentação de um cotidiano de territórios invisíveis dentro da cidade. Essas são algumas das expressões usadas pelos fotógrafes mapeados pela pesquisa para designar as imagens que produzem.

De fato, no percurso da pesquisa, tem chamado a atenção o caráter autorreflexivo e crítico de suas imagens. Diante das análises, parciais, podemos considerar que as imagens desses fotógrafes são formas críticas de recodificar realidades que povoam nossa cultura visual e nossos imaginários, onde há uma tendência a se normatizar, classificar e subalternizar as diferenças que não se encaixam nos modelos culturais e subjetivos dominantes.

Nesta direção, nos interessa continuar investigando em que medida essas imagens estariam produzindo intervenções em nossa cultura visual e em padrões colonizados de imaginação que subalternizam corpos, lugares, memórias e saberes através da produção de outros regimes de representação visual. Nossa aposta é que se trata, nesse caso, de imaginar e criar narrativas “localizadas” (HARAWAY, 2009), que fazem ressoar outros pontos de vista,



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



outras perspectivas sobre corpos, espaços e saberes que foram (e são ainda) violentados e invisibilizados ao longo de nossa história, a partir de uma experiência local e vivida “de dentro”.

REFERÊNCIAS

AZOULAY, Ariella. **Civil Imagination: a political ontology of photography**. London and New York: Verso, 2015.

BARRETO, Monara (2020). **A fotografia como documento e informação e o papel dos fotógrafos populares na construção da memória de favelas**. Dissertação de Mestrado. Disponível online:

<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1105>. Acesso em 06/10/2023.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e William oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio/Apicuri, 2016.

HARAWAY, Donna (2009). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em 14/03/2023.

LEON, Christian (2019). Imagem, mídias e telecolonialidade: rumo a uma crítica decolonial dos estudos visuais. **Epistemologias do Sul**. Disponível online: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2437>. Acesso em 14/03/2023.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



MIRZOEFF, Nicholas. The right to look: a counterhistory of visuality. Durhan & London: Duke University Press, 2011.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. **Ensaios filosóficos**. Disponível online:
[http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/Ensaios Filsoficos Volume IV.pdf](http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/Ensaios_Filosoficos_Volume_IV.pdf) . Acesso em 09/04/2023.

SALLES, Michele (2021). Nossos Fantasmas Estão Vindo Cobrar: Giro Decolonial na Arte Contemporânea Brasileira. In Revista de Cultura Visual. Disponível online:
<https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/3641> . Acesso em: 09/04/2023.

TAMBKE, Erika. **De olho na fotografia popular no Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. ECO-UFRJ. 2023.